

## Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 9 de fevereiro de 2011

*Texto de referência: encontro de apresentação do livro de Luigi Giussani, O Senso Religioso (ed. Universa), 26 de janeiro 2011. Palasharp de Milão.*

- *Mare nostre*
- *Negra sombra*

*Glória*

**Carrón:** Começamos nosso trabalho depois da provocação do último encontro, em que tentamos apresentar o objetivo e o método do nosso trabalho: o senso religioso, verificação da fé.

**Colocação:** *Na última quinta-feira, me ajudou muito ouvir o testemunho de uma garota dos colegiais sobre o encontro do Palasharp. Fiquei curiosa pelo fato de que ela, para nos contar o que a tocou, tenha partido de como se levantou na quarta-feira de manhã: triste e sem vontade de começar o dia porque há alguns dias sua professora de italiano, de quem gostava muito, tinha saído de licença maternidade. Uma professora – ela disse – que já no modo de fazer a chamada a provocava. Naquela manhã, enquanto procurava uma desculpa para não ir à escola, percebeu que seu pai, diferente das outras manhãs, tinha se levantado muito cedo. Então, ela lhe perguntou por que ele tinha se levantado tão cedo. O pai respondeu que, como precisava ajudar a mãe tinha se levantado antes e queria continuar fazendo isso. Imediatamente ela se deu conta da diferença: “Como é diferente levantar-se de manhã se alguém nos ama. Se a pessoa se sente amada, o movimento é sempre positivo, tanto que se levanta cedo”. Lembrou-se, então, de sua professora e da maneira como fazia a chamada, cujo valor sempre tinha sido lembrá-la todos os dias de que ela era amada. E então, disse: “Aquilo que encontrei com a minha professora ainda existe, é verdadeiro. E agora que ela não está aqui, eu devo fazer a chamada”. Assim, naquela manhã, pegou uma caixa de chocolates, foi para a escola e começou a distribuí-los para suas colegas. A primeira colega lembrou a ela que à noite iriam juntas a um encontro. A segunda lhe fez esta pergunta: “Olha, como você faz para não se sentir esmagada quando as coisas não vão como você quer?”. Então, à noite, chegou ao Palasharp com essa pergunta, toda ofegante, um pouco por causa da greve dos transportes e um pouco porque precisou discutir com a família porque não queriam deixá-la ir. Em certo momento perguntou a si mesma: “Por que estou aqui, agora?”. E respondeu: “No momento em que ouvi estas palavras: ‘A realidade, que se apresenta originariamente à nossa razão como sinal, é reduzida ao seu aspecto perceptivelmente imediato, privada do seu significado, da sua profundidade. Por isso, muitas vezes [...] sufocamos nas circunstâncias: quando a realidade é reduzida a aparência, transforma-se numa jaula’, compreendi que eu, antes de mais nada, estava diante de alguém que respondia a mim, sem deixar nada de fora daquilo que eu sou, isto é, estava lendo a minha experiência, respondia às perguntas com as quais eu tinha chegado ali e, portanto, à pergunta da minha amiga”.*

**Carrón:** O que você contou responde a muitas cartas e reações em relação ao encontro de 26 de janeiro. Leio esta carta como síntese de algumas reações: “Caro Julián, decidi escrever porque a apresentação de quarta-feira foi realmente difícil. Não conseguia acompanhar o que você dizia. Além do mais, como convidei alguns amigos, percebi que me identificava com eles e isto provavelmente gerou uma série de preocupações que talvez me impediram de ouvir com liberdade o que você dizia. Quando o encontro terminou, percebi que havia duas categorias de pessoas: algumas que compartilhavam totalmente a minha posição, e estavam inclusive

aborrecidas. Elas se perguntavam: ‘Por que ele falou de maneira tão áspera diante de tantas pessoas novas, diante de estudantes tão jovens?’. Porém, também vi muitas pessoas que saíram surpresas e que, diante da dificuldade em relação a suas palavras começaram um trabalho real, se deixaram provocar e não pararam para julgar ou se distanciar (como eu). Não tolerava, e ainda não tolero, ouvir estas últimas pessoas falarem, mas, no fundo, desejo profundamente ter a posição delas. Então lhe pergunto: o que deve acontecer ou o que não aconteceu em mim para dar o passo que muitos deram, quer dizer, deixar-me provocar por aquilo que você disse e estar diante disso em vez de deixar que meu preconceito, que não está me levando a nada, vença? Sinto-me um pouco presa. E sobretudo desejo essa simplicidade e essa abertura diante das coisas que não entendo e que não compartilho instintivamente”. Acho que essa carta sintetiza as dificuldades diante do fato que vivemos juntos. E a dificuldade exposta, o estar presos, não elimina o desejo de ter a simplicidade que se vê nos outros. O que o fato de que os jovens – como ouvimos: dezesseis anos! – tenham percebido tão imediatamente as coisas, fala de todas as nossas objeções? É como se todas desabassem diante dos nossos olhos, porque não é um problema de inteligência, não é um problema de capacidade, não é um problema de estudo, de ser mais instruídos, para entender. Respondo a isso com outras duas cartas. Uma pessoa me escreveu: “Quero lhe contar sobre o contragolpe que experimentei na apresentação. Fiquei surpreso por não estar absolutamente preocupado pelo fato de não ter entendido tudo do ponto de vista intelectual, e também não me preocupei com o amigo que eu tinha convidado. Ao contrário, quase paradoxalmente, exatamente aquela dificuldade de compreender fez prevalecer o desejo de olhar para o insondável que se colocava diante de mim. Eu também percebi as reações desiludidas de alguns amigos que diziam: ‘Difícil’, ou: ‘Não dá para entender’, mas eu respondi dizendo como essa pretensão, que em alguns casos percebi que era ansiedade e angústia, tinha deixado e deixava literalmente de lado o acontecimento que tinham diante dos olhos e os impedia de adentrar no entusiasmante caminho do conhecimento verdadeiro ao qual somos chamados quando nos deparamos com o Mistério. Como sempre, é uma questão de método. De fato, o seu chamado de atenção a focar a consequência da recusa do método escolhido por Deus para responder à exigência de significado total do homem que é própria do senso religioso: ‘Sem o reconhecimento do Mistério presente a noite avança, a confusão avança e [...], a revolta avança, ou a decepção enche de tal forma as medidas, que é como se a pessoa não esperasse mais nada’. Estar diante do Mistério, ao contrário, é outra coisa: escancara o horizonte do conhecimento, portanto, nos torna mais alegres e seguros em relação à realidade. Olhando também para a minha experiência, o perigo inerente à pretensão de entender é o de pretender encontrar uma receita pronta para a vida. Uma ilusão que logo decai miseravelmente no impacto com a realidade, exatamente porque nos impede de começar e bloqueia aquele percurso de conhecimento ao qual você nos chamou naquele encontro. Voltando ao contragolpe pessoal daquela noite, repito que eu estava absolutamente entusiasmado com a perspectiva do caminho proposto, desejoso e ansioso para descobrir o que poderia ser revelado durante o percurso e certo de uma conveniência pessoal que você nos testemunhava naquele momento. A força propulsora do testemunho é excepcional, basta olhá-lo com simplicidade”. Isso não é uma coisa recente, olhem o que Dom Giussani diz descrevendo João e André: “Eles não entendiam [não diz que entendiam: não entendiam!], estavam simplesmente tomados”. O que quer dizer entender? Quando você entendeu melhor sua namorada, quando a descreveram antes de você a conhecer ou quando se sentiu preso pela presença dela em carne e osso? E para se prender é preciso algo a mais do que instrução, é preciso aquela simplicidade que se deixa atrair por algo que está diante de você. Isso é decisivo, porque senão podemos entender apenas aquilo que já decidimos entender. João e André eram duas pessoas do povo – diz Giussani –, junto com eles estavam ali muitos fariseus e publicanos que provavelmente eram mais instruídos, mas apenas dois ficaram presos. Essa é a diferença. Durante anos repetimos certas frases ou a lógica de um pensamento (e talvez o tenhamos feito conscientemente), mas quantas vezes estivemos presos? Os jovens podem ter uma simplicidade que muitas vezes nos falta. De fato, uma outra carta diz:

“Queria contar qual foi a minha reação imediata depois do encontro do Palasharp. Como sou professora, convidei alguns alunos que, no fim, não vieram. ‘Que sorte’, disse a mim mesma, ‘como eu poderia convidá-los depois para o tríduo pascal ou para as férias?’, não teriam mais acreditado em mim. Na verdade, pareceu-me uma palestra difícil de acompanhar, até para mim, que acho que conheço *O senso religioso*. Depois, perguntei aos meninos dos colegiais quais tinham sido suas impressões. Tinha certeza de que eles ficariam mudos, e estava me preparando para fazer uma nova palestra, provavelmente mais simples do que a sua. Mas, ao contrário, o que aconteceu? Primeiro, ninguém disse que tinha sido difícil. Depois de ter dado a definição de senso religioso, um menino disse: ‘Se não entendi mal, a proposta é levar em consideração todas aquelas perguntas que temos e ver onde podemos encontrar resposta’. As perguntas começaram, cada um se referindo à própria experiência. A mais repetida foi: ‘Como é possível aprender?’ Aí estão eles: desejosos de fazer um percurso. Enquanto tudo isso acontecia, me senti ridícula. No fim, estava realmente agradecida e com vontade de voltar para casa e retomar toda a palestra com o mesmo olhar deles. Seguramente eles não tinham a preocupação de entender para poder falar sobre isso, queriam apenas ver aquilo acontecer. Reli as anotações com o rosto deles na memória e tudo me pareceu novo [é isso que é preciso para começarmos, é preciso estar ali com a lembrança do rosto deles, porque então tudo se torna novo; nós dissemos isso muitas vezes, mas como uma frase vazia: “Em nossas mãos os códigos, em nossos olhos, os fatos”]. Comecei a intuir a novidade que você introduziu: o senso religioso como verificação da fé. A fé é reconhecer uma Presença agora, através da contemporaneidade de Cristo e a Sua contemporaneidade me era dada através da presença deles [dos jovens: o Senhor tem piedade do nosso nada, da nossa incapacidade e nos responde, não com outra palestra (como ela queria), mas fazendo acontecer, dando-nos uma testemunha, alguém que foi preso], da maneira simples de estarem diante do fato [é disso que precisamos para estar diante de tudo, que reaconteça um evento que desperte em nós o humano, porque ela própria, que não tinha entendido, depois de ter visto seus meninos, começou a entender. Tornou-se inteligente de repente e antes era boba?]. Não quero perder nenhuma ocasião para verificar a certeza da vitória da fé em qualquer situação, e comecei a ir para a escola olhando para aquilo que acontecia e assumindo a responsabilidade diante de tudo sem medo de errar [não, não somos loucos, é que para entrar na consciência disso é preciso a Sua contemporaneidade, e não dita como uma fórmula ou como uma lógica, mas como um fato que acontece através da carnalidade dos meninos: como no início do cristianismo, literalmente, como Giussani descreveu]. Isso me permitiu estar com grande liberdade diante de um menino que vive uma dificuldade familiar (eu o provoquei a deixar vir à tona sua pergunta mais verdadeira), ou ficar diante da minha amiga doente há anos de um tumor sem sentir o peso daquela condição ou, pior ainda, da injustiça. Com o encontro nos foi dada a certeza de que só Ele pode realizar a vida, e ela existe – não podemos colocar isso sempre em dúvida porque somos adultos –, mas sem a contemporaneidade não é possível mudar! E essa é uma graça pedida e, apesar de nós, também acontece quando menos esperamos”. Por isso é importante que a palestra do Palasharp – não quero justificar tê-la feito assim – seja uma ocasião para identificarmos onde estão as dificuldades, para podermos ver o que acontece e o que significa entender. Porque não é um problema de compreensão, a palestra era simples: olhem, sem que reaconteça o Acontecimento o eu não é despertado e não entendemos nada. Simples. Dá para entender? Simples, porque é aquilo que diz Dom Giussani quando responde a Angelo Scola, no trecho que citei: “O coração da nossa proposta é antes o anúncio de um acontecimento que se dá e que surpreende os homens do mesmo modo que, há dois mil anos, o anúncio dos anjos em Belém surpreendeu alguns pobres pastores. Um acontecimento que se dá, independentemente de qualquer consideração sobre o homem religioso ou não religioso [de qualquer nível de conhecimento]. É a percepção desse acontecimento que volta a suscitar ou potencializa [...] o núcleo de evidências originais a que damos o nome de *senso religioso*”. Simples. Sem isto, o cristianismo não é razoável, porque não consegue despertar a vida. Senão, por que eu deveria ser cristão? Mas, quando acontece, é simples, como vimos. É simples assim.

**Colocação:** *Eu vi tudo isso que você acabou de dizer no relacionamento com um colega que há seis meses foi transferido e começou a trabalhar na minha filial. E desde que chegou não desiste, não nos deixa em paz, está sempre perguntando: “Vamos comer juntos? Vamos fazer isso, vamos fazer aquilo?”, com os olhos arregalados. Uma semana antes do encontro sobre O senso religioso, ele me disse: “Preciso contar uma coisa. Sabe, ontem voltei para casa, tenho dois filhos, e durante o jantar sempre pergunto a eles: ‘O que vocês fizeram de bom hoje?’, e os meninos me contaram o que tinham feito de bom. Depois, eles me perguntaram: ‘Pai, o que você fez hoje?’”. E ele, todo contente, respondeu: “Hoje eu almocei com uma colega”. A mulher se endurece: “Vocês almoçaram sozinhos?”, e ele: “Sim, os outros amigos não puderam ir, estávamos só eu e ela”. Quando o jantar terminou, a mulher o vê brincando com as crianças e lhe diz, admirada: “Acho que, da maneira como você está brincando com as crianças, você deve almoçar com aquela colega todos os dias!”. Eu fiquei impressionado e disse a ele: “Convide-a para o encontro do Palasharp!”. E ele me respondeu (é um rapaz tímido): “Olha, eu vou tentar, mas não sei”. Sua mulher aceitou e no dia seguinte ele me contou: “Sabe o que aconteceu ontem? Enquanto eu e minha mulher íamos para o encontro – estávamos no carro – ela começou a me dizer: “Eu e você nunca saímos sozinhos, nunca, e quando podemos sair você me leva para em encontro de CL! Depois, por que estamos indo lá?”. Ele retrucou: “Diga-me você porque estamos indo”. E ela disse: “Porque você não é mais você”. Quando nos aproximamos do Palasharp ela disse: “O Palasharp! A última vez que vim aqui foi há dois anos na Festa da Unidade”. Entramos e ela, que é professora, me perguntou: “Por que todo esse silêncio?”. Eu disse: “Olha, na entrada nos pediram para fazer silêncio, então, vamos fazer silêncio”. E quando Carrón começou a falar de João e André, ela me fez um sinal: “Este é você, porque você sempre é você, mas agora você é mais você”. Conteí isso para dizer que reatencem hoje – hoje – os mesmos sinais inconfundíveis daquele momento: é isso que precisamos.*

**Carrón:** *Simples.*

**Colocação:** *Durante muito tempo perguntei a mim mesma: o que é o senso religioso? O que é para mim? Porém, nunca quis esquentar a cabeça para entender a todo custo. Agora quero contar o que estou vivendo, para entender se estou perto ou se ainda estou anos luz de distância. Estou no Movimento há quase quinze anos, mas é como se o tivesse encontrado há apenas três anos e meio. E, sobre isso, faço referência a uma coisa que você leu de Giussani: a surpresa dos pobres pastores é a minha surpresa, e me remete ao meu encontro. Sempre ouvi que nos lembramos do dia e da hora em que fizemos o encontro, e sempre fiquei com raiva porque se me perguntassem quando fiz o encontro não saberia dizer, me esforçava, mas não lembrava nada. Porém, agora, posso dizer o momento em que finalmente surpreendi Cristo em ação: foi em 27 de setembro de 2007, no Dia de Início de Ano, que tudo mudou. Ouvi suas palavras e era como se fossem dirigidas a mim, não mais a este ou àquele (porque, normalmente, quando ouvia as coisas eu dizia: “Fulano poderia ter ouvido isso, porque é para ele”). Mas, naquele momento, eu estava diante do Mistério, intuí que devia sair do meu grupo de Fraternidade que era um pouco pesado para mim e me dei conta de que a Fraternidade era uma só, o resto era apenas uma ajuda. Esta decisão me abriu para o mundo. É como se, antes, durante mais de dez anos, eu tivesse catarata e, depois, com um procedimento banal, o encontro feito, eu conseguisse ver tudo límpido, de uma beleza incrível. E descobri que Cristo, a quem durante anos queria ver a todo custo esforçando-me para entender, estava ali como quando O sentia presente na minha família quando eu era criança. Só que naquele momento eu o reconhecia como presença viva e não como sentimento moralista. Eu também, como André, finalmente experimento os sinais do despertar da minha humanidade e, pensando nisso, não posso deixar de me comover. Nunca tinha me acontecido lavar, passar, cozinhar, limpar a casa, etc, não por dever (porque você precisa ter a casa limpa, para o marido para os filhos), mas*

*para mim, porque descobri que é bonito, naquilo que faço, pensar no relacionamento de dependência com um Outro que me faz. A dependência total d'Ele me faz entender que não sou eu quem faz as coisas, mas é um Outro que opera através de mim, se serve de mim, de mim, assim cheia de limites. Que comoção! Essa dependência ficou clara para mim graças a uma cara amiga que, diante da grande decisão de responder a uma proposta de adoção de um bebê down, me disse que o desígnio de Deus já tinha se realizado e que se fosse para a criança ficar conosco, ficaria. No início, depois de dizer sim quase tive a pretensão do êxito, porque se eu disse sim para algo tão grande, seguramente aconteceria. Mas, conforme os dias passavam eu percebia cada vez mais uma dependência e não mais uma pretensão. E assim, quando nos disseram que a criança tinha sido entregue a outra família, não fiquei mal. Porém, depois, pensava que ter dito sim a Deus sem ter a incumbência de acompanhar aquele filho por toda me levaria a dizer: “Que bonito, ganhei pontos sem me esforçar”. Mas, agora, dois meses depois, Deus se faz vivo novamente através do pedido das Famílias para Acolhida quase idêntico ao primeiro: mais um menino down para ser adotado. Assim, reconfirmamos o nosso sim, mas com uma certeza maior: que eu não faço nada, não pode ser obra minha, não seria absolutamente capaz. Mas quem me faria fazê-lo? E também isso é uma consequência da mudança que aconteceu comigo, gerada pelo relacionamento com Cristo presente. Como diz São Paulo, se alguém está em Cristo é uma criatura nova, e as coisas velhas são passado, são feitas novas. Sinto-me quase indigna, mas grata por ter sido escolhida para me tornar uma criatura nova.*

**Carrón:** Obrigado. Essa é a novidade que nasce do encontro: elimina a catarata, porque é uma Presença tão viva que desperta o eu. E podemos ver isso em todos os fatos que você contou, do limpar ao passar, ao cozinhar chegando à acolhida de um filho down.

**Colocação:** *O que você disse na apresentação de O senso religioso esclareceu um encontro que fiz. Quando estava no colégio, houve uma pessoa que foi decisiva para mim, para a minha humanidade, pela vivacidade humana que ela tinha, pelas coisas que me fez entender, que me fez ler. Depois, foi decisiva para que eu percebesse Cristo quando O encontrei. Eu encontrei o Movimento e o segui, ele não. Mas foi impressionante que tenhamos nos reencontrado depois de quase trinta anos e fiquei magoada porque sua humanidade não era mais como naquele tempo e ele tinha um ceticismo que eu não tenho. E ele ficou tão tocado com este reencontro, assim como eu, que a certo ponto me disse: “Você continua a mesma porque mudou. Eu, porque não quis mudar, não sou mais o mesmo”. Este foi um encontro que me deixou absolutamente comovida, porque me dei conta como nunca antes de que o cêntuplo do encontro com Cristo é a minha humanidade que permanece fiel a si mesma, é a possibilidade de não me perder, é a vontade de viver que ainda sinto aos 50 anos e que as pessoas da minha idade perderam. E fico impressionada com isso, porque percebo que Cristo é contemporâneo porque torna o coração vivo, não porque me torno melhor. E, pelo contrário, percebo que quando tento verificar a fé na moral, isto é, naquilo que faço e não naquilo que sou, trato Cristo como algo que sei, como algo óbvio – Cristo não é mais uma presença contemporânea, mas um conteúdo do qual eu falo sempre e que nunca acontece.*

**Carrón:** “Você continua a mesma porque mudou”. Se estivermos disponíveis a essa mudança, permanecemos com esta juventude da qual falava Adra Negri: “Uma outra és, mais bela”.

**Colocação:** *Queria fazer uma pergunta. Você já respondeu um pouco, mas continua em mim como objeção e se não a fizer, ela vai permanecer. Queria que você esclarecesse o que significa o “seguimento inteligente e afetivo” do Movimento. Percebo, na minha experiência, também por causa do que foi dito, como é fundamental o fator afetivo no meu encontro com Cristo para que este relacionamento não seja um simples intelectualismo feito de muitas imagens ou uma abstração que não tem capacidade de mudar a vida, mas um relacionamento real, que leva a fazer experiência de completude. Muitos exemplos me veem em mente, porém eu os corto logo. O problema é que eu percebo o acontecimento desta afeição como algo que não está nas*

*minhas mãos, que não depende de mim. Deve acontecer esse fascínio afetivo, mas eu não tenho nenhuma responsabilidade sobre isso, posso me levantar de manhã e desejá-lo, mas que aconteça com a característica e com o conteúdo de realidade para que mude minha existência todos os dias, isso não depende de mim. Então, eu lhe pergunto: o significa quando você diz “Se não quisermos ser coniventes com o poder devemos seguir o Movimento de maneira inteligente e afetiva”? Eu digo: essa afeição não depende de mim, gostaria...*

**Carrón:** Essa afeição depende de você. Não depende de você gerar o fato, mas reconhecê-lo e aderir àquilo que reconhece, sim. Não depende de você encontrar a menina em uma festa onde não pensava encontrá-la, mas quando a encontra, não pode deixar de se maravilhar, tanto que a beleza dela lhe atrai. Ceder a essa atração, a esse seguir inteligente e afetivo: isso é responsabilidade sua. Que ela exista, não. Que você adira a essa atração que o Senhor coloca na sua frente, sim. A questão, então, é que nós sejamos cada vez mais educados àquele senso religioso que nos permite perceber a Sua presença. Por exemplo, esta noite você ouviu muitas coisas. Agora eu lhe pergunto: o que quer dizer que você siga com inteligência e afeição, hoje, diante daquilo que você ouviu? Onde você O reconheceu presente, em quem reconheceu a Sua contemporaneidade, não como uma palavra: “Olha, aquilo que aquele ali falou é impossível sem Ele”, e ficou comovido? E isso depende de quê? Não depende do fato de que não aconteça, porque todas as coisas que ouvimos esta noite são impossíveis, como você dizia: é impossível. Que aconteça, não depende de você, mas que alguém seja capaz, esteja disponível, se dê conta disso, depende daquela simplicidade da qual falamos. Eu lhe digo que a novidade que percebo cada vez mais na minha vida é exatamente esta, que de tantas coisas que aconteciam diante dos meus olhos, primeiro eu não me dava conta, agora é como um sobressalto. O que quer dizer a inteligência que sabe perceber a Sua presença nos pequenos gestos, e que as colocações desta noite nos testemunharam de muitas maneiras? É aquilo que diz Dom Giussani de João e André. Para nós, a inteligência é algo complicado, muitas vezes é uma razão que pode explicar, mas Dom Giussani diz que o ápice da razão é uma razão que se abre, tanto é verdade que o problema da inteligência está todo ali, em João e André. Isso significa nos educarmos ao senso religioso. E você se educa ao senso religioso respondendo com toda a sua inteligência e com toda a sua afeição àquilo que acontece diante dos seus olhos. E isso é responsabilidade sua: como aderir, como seguir, como ceder à atração. Você pode cortar: “Agora não, porque complica a minha vida”. Você pode cortar ou pode ceder. Que você se sinta atraído não depende de você. Mas ceder depende de você. É fácil, é fácil, basta apenas ceder, mas este ceder é seu. Essa é a sua grandeza, essa é a sua dignidade, essa é a sua grandeza humana à qual o Mistério se prende, não quer se sobrepor a você. Então, nós nos educamos não porque “pensamos” no senso religioso, mas porque nos tornamos cada vez mais simples diante do que acontece, sem *mas*, sem *porém*, sem bloquear a atração, mas cedendo constantemente à Sua presença.

**Colocação:** *Um aspecto que me tocou muito duas semanas atrás foi quando você nos propôs retermos O senso religioso a partir da verificação da fé. Isso me tocou porque, em tantos anos de vida no Movimento em que retomei O senso religioso várias vezes, nunca tinha considerado este aspecto, nunca refleti sobre ele, nunca o percebi. Essa questão gera um dinamismo impressionante na vida porque provoca uma verificação da Sua presença na vida concreta. Posso dizer que naquela noite fiz a mesma experiência de João e André de maneira misteriosamente diferente porque quem, naquela noite, pôde me falar de maneira tão correspondente, de maneira tão amável, de maneira tão profunda, conhecendo-me mais do que eu pensava, se não a Sua presença através do carisma, isto é, através do espaço que você (preciso dizer que isso eu reconheci) deu naquela noite para a Sua presença? E isso gerou, nos últimos dias, uma agitação do coração e da vida, uma maneira diferente de olhar para as circunstâncias, por exemplo, para os meus colegas de trabalho, que não são todos simpáticos e com os quais há até um contraste, uma luta. Mas, finalmente, olhei para eles com familiaridade, porque são constituídos da mesma coisa que eu. E, paradoxalmente, a minha distração, da qual*

*meu dia é cheio, contra a qual eu luto continuamente sem obter muito resultado, foi invadida por este fato e, assim, começo a poder olhar a realidade de uma maneira verdadeira que eu, também por causa deste limite, não conseguiria.*

**Carrón:** A mesma, idêntica experiência: porque se não fosse assim, o cristianismo não continuaria. Uma coisa seria aquilo que João e André tiveram, e uma outra coisa aquilo que nós fazemos. Não poderíamos verificar a fé, seria uma outra coisa que estaríamos verificando aqui, não a fé cristã do modo como se revelou na História.

**Colocação:** *Sou técnico em informática. Há alguns meses visitei um escritório e vi um quadro que me impressionou muito: eram dois pedaços de madeira de cores diferentes, um era azul, o outro verde, encostados um no outro formando uma linha vertical. Ligando essas duas madeiras havia um cadarço de sapatos muito usado. Então, perguntei de quem era aquele quadro e fui conhecer o pintor, um senhor que trabalha na contabilidade dessa empresa. E ele me disse que eram duas formas diferentes, como o corpo e a alma, o mar e a terra e aquele cadarço era a sua tentativa de lhes conceder um significado, de ligá-las. Então, a primeira coisa que me veio em mente foi Congdom. A partir de certo momento, ele começou a fazer seus quadros com uma linha, mas esta linha é horizontal e divide o céu da terra, e essa linha que divide e une é Cristo. Movido por isto, eu lhe dei de presente um livro sobre “Ermano, o aleijado”, para lhe dizer que o que torna possível para mim a verdade e a beleza da vida é Cristo. A partir disso desejei que em cada circunstância eu pudesse me relacionar com os outros sem esconder que sou cristão. Isso me faz lembrar da frase de Alexis Carrel que está no primeiro capítulo do livro: “Pouca observação e muito raciocínio conduzem ao erro. Muita observação e pouco raciocínio conduzem à verdade”. Observar não é simplesmente ver. Muitas vezes, meu chefe me diz: “Você é complicado, porque quando os outros vão não encontram problemas, mas quando você vai, sim”. Provavelmente porque observo muito. Então o problema é: por que alguém observa muito? Por que alguém se move assim? Para mim, cada coisa – falo sobre contabilidade – é como se declarasse essa beleza. O fato de que uma coisa esteja distorcida, gasta, de fato mostra uma beleza menor. E estou percebendo é que a única coisa que pode fazer com que essa observação se mantenha viva é a oração. Porém, muito frequentemente, tenho sentimentos contrastantes em relação à oração (e também vejo isso nos meus amigos), isto é, sinto medo, vergonha, e às vezes até raiva: “Por que preciso rezar para Você?”. Porém, entendo que sem permanecer agarrado com unhas e dentes àquilo, a pessoa não...*

**Carrón:** Em quê a Escola de Comunidade desta noite corrigiu você?

**Colocação:** *Em quê me corrigiu?*

**Carrón:** Como se nada tivesse acontecido durante todo o percurso desta noite!

**Colocação:** *O ponto é que...*

**Carrón:** Sobre aquilo que está dizendo, você está partindo do senso religioso ou da fé?

**Colocação:** *O que você quer dizer?*

**Carrón:** Aí está o ponto. Recoloco a pergunta, porque, o que dissemos que desperta o eu? Um encontro, isto é, a Sua presença, entendem? E o pedido que devemos fazer é o de reconhecê-Lo. Qual é a origem da oração? Que estamos todos ali, com esse desejo, com esse pedido para reconhecê-Lo em ação, como João e André. Isso é decisivo porque, senão, como você diz, rezar está separado da Sua presença agora. A oração é pedido e súplica disso, é memória, isto é, reconhecimento da Sua presença que nos desperta agora. Por isso, a forma com a qual você é despertado e que elimina a catarata é reconhecer aquela presença histórica que é a resposta à nossa oração, que se chama Cristo, contemporâneo aqui e agora, o qual lhe dá a possibilidade de olhar tudo de maneira diferente. Claro? Obrigado.

**Carrón:** Já começamos a entrever qual é a promessa do percurso que estamos para começar. No próximo encontro, começaremos a trabalhar a primeira premissa: “Realismo”. Com as três

premissas, Dom Giussani nos faz entender quais são os fatores decisivos de um verdadeiro conhecimento – como dizíamos agora –, de um relacionamento verdadeiro com a realidade, de modo tal que a conheçamos, como dizia antes uma pessoa: “Desejo muito essa simplicidade, essa abertura que me permita perceber a realidade”. E qual é o método que Dom Giussani nos propõe? Podemos dizer sinteticamente: o caminho para a verdade é uma experiência. O método que ele nos oferece é a experiência, e nós devemos ser conscientes disso porque normalmente, como diz Dom Giussani, a maior parte das pessoas, para responder às preocupações que têm, se apoia naquilo que os outros dizem: Aristóteles, Platão, Kant. E nós também podemos acrescentar: Dom Giussani. Mas isso seria contra o método imposto exatamente por ele, porque Dom Giussani disse aos jovens desde a primeira aula de religião: “Não estou aqui para que vocês tomem como suas as ideias que eu passo a vocês, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que eu direi a vocês”. Esta é a impositação, isto é, o método que ele nos propõe: a experiência. Imaginem o que significa para jovens de 16 anos o fato de que um professor dê a eles um método para julgar até aquilo que ele mesmo dirá! Ninguém faz isso. Que exaltação do humano e que certeza de que aquilo que dirá será verdadeiro! Eles poderão reconhecer isso. Mas só o farão se usarem este método, porque este método não é “um” método entre os outros, mas é “o” método, porque a experiência, como diz Dom Giussani, é o emergir da realidade à consciência do homem, é o tornar-se transparente da realidade. Por exemplo, se precisamos entender o que é o amor, o Senhor não nos faz uma palestra sobre o amor, nos faz nascer em uma família ou faz com que nos apaixonemos. Para nos fazer entender o que é o despertar do eu, se faz carne, se faz encontrar, como ouvimos hoje, porque senão não saberíamos do quê estamos falando.

Por isso, devemos ser “ferozes” – e eu juro a vocês que eu o serei – sobre este método, porque senão não nos interessa vir aqui para ouvir os pensamentos uns dos outros, ou os meus. O que nos interessa é que cada um fale da experiência. Por isso, para poder fazer uma experiência é preciso – como veremos bem – um critério, que é o coração, e quanto mais formos conscientes dessas exigências e evidências originais, mais saberemos julgar, e este julgamento será o início de uma libertação, de uma novidade na vida, porque começaremos a entender.

Então, eu lhes proponho um caminho para o trabalho destes quinze dias – porque não poderá mais se colocar quem não se submeter ao método da experiência –: quando vocês fizeram experiência, quando perceberam essa libertação em um juízo? Dom Giussani diz, de fato, que julgar é o início da libertação.

*Veni Sancte Spiritus.*